

A DEMOCRACIA

FOLHA REPUBLICANA

PROPRIEDADE DE DIAS & MELLO

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA

Anno II

ASSISTENTE
CORTE E PROVINCIAS
10\$000 POR ANNO

Rio de Janeiro, 8 de Dezembro de 1887

TYPOGRAPHIA
E ESCRIPTORIO
40 RUA DE S. JOSÉ 40

N. 48



Rio, 8 de Dezembro de 1887.

A recente crise da politica franceza é uma confirmação directa d'aquelle conceito em que o autor do *Espírito das Leis* assignalou a virtude como o caracter essencial do regimen republicano.

Com effeito, essa moralisadora agitação, que deu em resultado a substituição do presidente Grevy, não teve por objectivo senão demonstrar a absoluta probidade da administração da Republica, que, por assim dizer, abriu sobre si mesma um inquerito, segura da sua pureza, confiada no seu destino.

E' um exemplo inteiramente novo — esse d'um regimen politico a responsabilizar a si proprio, a instituir um exame severo e minucioso dos actos dos seus agentes mais elevados, quando os adversarios procuram aproveitar-se da prova de honestidade e patriotismo, para tentarem contra a existencia mesma do governo que assim se expõe a todos os ataques e a todas as traições.

Mas o bom senso dos republicanos francezes dissilludiu todas as ambições anti-patrioticas, e foi igual á sua coragem e á sua fé: a solução da crise encheu de jubilo todos quantos, em qualquer ponto da Terra, fazem votos pela gloria da França.

Desde o Directorio — para remontarmos aos tempos da velha realza — a administração franceza, excepção feita da do primeiro periodo da ephemera republica de 1848, tem sido accusada, e com justas razões, de concussões, esbanjas, tentos, alicantinas, rapinagens. Durante a Restauração, fez-se em favor dos antigos emigrados uma verdadeira distribuição do producto dos impostos e de muitas fortunas particulares. O reinado de Luiz Philippe começou pela doação do apnago e pela questão do testamento do principe de Condé, e arrastou-se até 1848 através de toda a sorte de estellionatos. O segundo Imperio cobriu com a vergonha de Sedan, que a todas sobrelevou, os continuados escandalos d'uma corte presidida pelo duque de Morny, e cujo Law era o barão de Haussmann!

Entretanto, sobre esses diferentes governos, só algum corajoso patriota ousava denunciar a administração publica, e só os historiadores puderam abrir o inquerito pelo qual são hoje conhecidos os actos de desonestidade dos agentes do poder em França. Durante a restauração, entregava-se o audaz accusador do governo á justiça sanguinaria dos ultras da provincia; durante o reinado de Luiz Philippe, desmentiam-n'o (processo de Mr. Guizot), se o não podiam subornar (processo do rei), ou encarceravam-n'o; durante o dominio de Napoleão III, só do exilio vinham as vozes condemnatorias, e, no dia em que ellas começavam a levantar-se em França, casaram-se logo aos brados de dôr e de vergonha partidos de Belfort e de Metz!

A actual republica franceza, porém, ás primeiras suspeitas, provoca um completo exame sobre a sua administração, ainda quando a dirige esse honrado velho, que acaba de deixar a presidencia para que a sua alta influencia não dificulte a acção da justiça do paiz. O que se evidencia desde logo é que as diferentes fracções republicanas repellem os funcionarios accusados de concussão. Trata-se de verdadeiros estellionatos! Nada se sabe, por ora; mas acima de todos os seus agentes está o bom nome da Republica. O governo, verifica-se, não deu as condicções prometidas pelos traficantes; mas é preciso que a administração demonstre, por um acto de energia, que os medianeiros de titulos negociavam por sua exclusiva conta.

O bem inspirado proceder dos republicanos francezes, provocando uma crise necessaria, sortio já o seu primeiro effeito, consolidando n'aquelle paiz o actual regimen de governo. A confiança dos patriotas na sua propria força e na opinião popular deve hoje ser immensa, e d'ahi por certo resultarão indirectamente inesperados beneficios.

Pois que a republica se sente hoje forte e segura, tendo á sua frente um administrador habil e energico, é de esperar que ella continue mais ousadamente a obra de reconstrução e progresso, que tem sido bastantemente retardada — por sugestões de excessiva prudencia. A realisação do programma republicano em França é hoje um dever que não pôde mais ser sophismado por falsas considerações de oportunidade. O que não é opportuno, nem digno, é persistir no systema orleanista decorado com o titulo de honra de governo republicano.

E' de crer, portanto, que uma profunda renovação politica se opere em França. As tradições da familia de Mr. Sadi-Carnot tornam-se apto para dirigir essa obra importante e inadiavel.

Desde a morte de Gambetta, o partido opportuniasta não tem feito senão pretender o governo e lutar para conservá-lo quando na posse d'elle, sacrificando a conveniências parlamentares as idéas republicanas, mantendo a concordata, em attenção a que L. Gambetta apontava como o inimigo, e atirando-se ás aventuras de conquista, com o irrisorio apoio do principe de Bismark! A obra tentada pela Convenção, e que desde 4 de Setembro de 1870 devera ter sido recommçada, está ainda interrompida. Que Mr. Sadi-Carnot evoque as tradições gloriosas do organisador da victoria, e agora que a Republica venceu, organise o regimen republicano.

O jubilo que nos causou a solução da crise politica em França despertou-nos estas esperanças, que certamente serão partilhadas por todos os homens que são ou querem ser livres. Terceiro malogro do regimen republicano em França seria uma desgraça para a Humanidade. Mas confiemos: a alta empreza de Danton será retomada e levada ao seu termo.

Infernaes

III

— Então, Asmodeu, que é isto? Triste, tu, o diabo luxurioso e alegre, o travesso demonio das ceifas carnavalescas, dos pagodes de perna á mostra! Tu, espienetico como qualquer inglez millionario, membro do club dos enforcados!!

— Sim, Flagel, triste e desoccupado. Esta raça enfraquecida, esta sociedade convencional, sem tradições nem costumes; esta mocidade que mergulha n'um copasio de cerveja barata todos os sonhos, ambições, loucuras; as boas e atrevidas loucuras da juventude; gente sem musculos e sem ideal, sem um rasgo de paixão, sem uma explosão de enthusiasmo, tudo isso me entristece e enja.

Sou o demonio da luxuria, disseste, mas não d'essa lascivia barata, d'esse amor atigado, onde só ha torpesas; fui amigo de Faustoff, regalei-me com Pantagruel, dei flores raras a Rigolboche, e cantei romances no fe fumado salão de Marion Delorme; solucei com Heloisa no esterfor da saudade de volupia; fui todas as noites aos festins da Regencia, e quando a Lespinasse sorria chorando, entre a amargura do despreso e a esperança de commover o amante, quando ella se humilhava, grande na sua covardia, toda paixão, delirio, eu estava a seu lado, respeitando aquella immensidade do amor, admirando aquella magua que ha de viver sempre. Mas hoje, meu caro, tudo é pequeno: amor sem perigo e sem espontaneidade; luxuria que se enreda nos babados de uma boneca animada, e tem medo da policia e da pobreza; patriotismo de banquete de hotel, tendo a existencia espumea do champagne, que estoura na garrafa e amortece na taça.

— Cuidado, Asmodeu, o aborrecimento faz-te imbecil; misturaste o real ao phantastico, a poesia á realidade.

— E presumes, amigo, que estes grandes typos da poesia, essas creações do genio, são puras phantasias? Engano, essas figuras homericas, da gloria ou do vicio, são symbolos de um tempo, de uma historia e de uma raça que extinguiu, tempo que se escoou. Hoje tudo é pequena mulher de prazer prefere um chapéu, de pluma uma renda falsificada, a um amante apaixonado, a um momento de doudice luxuriosa, que lhe absorva a mocidade e sirva-lhe de risonha paisagem entrevista no passado, durante a velhice, como aquella

Clote de Barbey d'Aurevilly; os moços procuram collocar-se, ou entisicam no deboche reles onde não ha um clarão de força, de bravura; onde não ha o acre sabor de um perigo, e nem a devoção do vicio, um altar para os sentidos; um quê de grande, de admiravel na propria abjecção.

E a gente seria, vamos, diz, Flagel, régulada pelo interesse, amesquinhada pela indiferença, que não tem a virtude austera, a grande virtude que nos faz recuar, pensativos e sem colera! Mostra-me uma explosão grandiosa de idéa ou sentimento; aponta-me um pedaço de ouro puro n'essa quinquilha de ouropel brunido; ergue um pouco, com a tua habilidade de chicanista, tu o demonio dos espertos, essa quebradiça escama de ouro da virtude d'esta sociedade, olha o que vae dentro; a fermentação da inveja, da calumnia, do lucro obtido ou desejado; o sorriso que esconde o veneno, a convenção disfarçando a maldade. Tudo pequeno, apparente.

Com mil caldeiras, Flagel, escurra-cem-me, com a honra verdadeira, com a virtude consciente, com a justiça solida, sem desmaios, dê-mo o vicio-vicio, largo generoso, imponente, heroico, bravo.

Querem amor? mas amem valentemente, luxuria? mas sejam grandes no mal; imponham-se de qualquer modo, venham commigo ao inferno, ou habitem uma estrella.

Qual o motivo d'essa raiva e d'esse tedio, Asmodeu?

— Uma virtude que não teve coragem, e um aviltamento que não soube ser tragico: — Um filho que não teve a santa loucura de tomar o reflexo do soldado que o guardava na cadeia de Campos, varar os que o impediam de ver a sua pobre mãe morta, ajoelhar-se na sua sepultura, e voltar, sereno, engrandecido ao carcer e onde o metterá a policia escravista. Uma policia, que espinguardeia gente inerte, avilta-se na luta contra o fraco, inventa resistencias, policia que se enlamea, e no fim de tudo anda a esmolar um abaixo assignado para escovar o sangue dos feridos e a areia das covas abertas clandestinamente, e entupidas de velhos, crianças e mulheres. Já não ha homens, Flagel, ha interessados, não ha paixões, ha lucros e perdas. Tenho tedio, e vou d'aqui pedir ao rei diabo que me demitta.

Sou côxo, mas revolve o mundo do odio ou do amor; demonio, mas quero



grandesas. Entrego-te esta raça anêmica, ó chicanista, toma-a, Flagel.

Tu és o artificio, a convenção, o latifundismo, eu sou a revolta.

C.

O tambor Legrand

(H. HEINE)

I

Conhece, minha senhora, essa velha peça? é uma peça mui distincta, somente melancólica um pouco de mais. Representei n'ella uma vez o papel principal, e todas as damas choravam. Só uma não chorou, não derramou uma lagrima, e foi isso o mais importante da peça, a verdadeira catastrophe.

Oh! aquella lagrima! só ella me atormenta sempre, faz o objecto de todos os meus pensamentos. Quando quer perder minha alma, Satan murmura-me ao ouvido um canto malicioso sobre aquella lagrima que não foi chorada, um cântico fatal com harmonia ainda mais fatal. — Ah! só no inferno ouve-se essa melodia.

Como se vive no céu, bem pode imaginar a senhora, tanto mais que é casada.

Diverte-se a gente de um modo verdadeiramente exquisito, ha todos os folguedos possíveis, passa-se o dia na alegria e no prazer, exactamente como Deus na França. Janta-se do amanhecer á noite, aves assadas voam d'aqui para ali com o molho no bico, e consideram-se muito lisongeadas quando alguém as apanha; tortas, de manteiga, douradas, brotam direitas como gyrá-soes; por toda a parte arvores em que fluctuam guardanapos; come-se, enxuga-se a bocca, e torna-se a comer sem fatigar o estomago. Quem não canta psalmos, salta e brinca com os ternos anjinhos, ou vae passear no verde prado da Alleluia; os vestidos brancos fluctuantes são commodos e bonitos. Nada perturba-se a serenidade á gente. Nem dor, nem desprazer; até quando por acaso alguém nos pisa nos calos, e diz: Desculpe! responde-se: — O irmão não me magoou; pelo contrario meu corpo sentiu a mais doce e celeste voluptua.

Mas do inferno a senhora não tem idéa alguma. De todos os diabos a senhora só conhece o menor, o gentil olheiro do inferno. A senhora só conhece o inferno pela opera de D. João, e elle nunca lhe parece assás ardente para o enganador de mulheres, que dá tão maus exemplos, posto que os nossos honrados directores de theatros empreguem em seu favor tantas chammaz azues, chuvas de fogo, polvora e colophonium, como pode desejar um bom christão no inferno.

Entretanto, no inferno a coisa é muito peor do que se afigura aos directores de theatro. Reina ali um calor infernal, e nos dias caniculares em que o visitei, era insupportavel. A senhora não pode ter idéa do inferno: recebemos de lá tão poucas noticias officiaes! — Mas que as pobres almas sejam obrigadas a ler lá em baixo todos os ruins sermões impressos cá, é uma calumnia. Tão dura não é a vida do damnado. Nunca Satan inventará tal requinte de tortura. Em compensação a pintura de Dante é muito moderada no conjuncto, poetica em excesso.

A mim o inferno se apresentou como uma grande cosinha burgueza, com immenso fogão em que se achavam tres filas de panelas de ferro, e n'ellas a cozer os damnados. Estavam na primeira fila os peccadores christão, e — quem acreditaria? — o seu numero não era lá muito pequeno, e os diabos aticavam-lhe o fogo com particularissima actividade. Estavam na outra os judeus, que gritavam constantemente, a com quem de tempos em tempos os diabos faziam judiarias, como aconteceu o um gordo dono de casa de prego, que todo esbaforido queixava-se do intoleravel calor: um diabinho derramou-lhe na cabeça alguns baldes d'agua gelada, para que visse que o baptismo é um beneficio refrigerante.

Na terceira fila estavam os pagãos que como os judeus não podem tomar parte na felicidade eterna, e devem arder para todo o sempre. Ouvi um d'elles, em baixo de quem um diabo de quatro garras renovavam as brazas, exclamar do fundo da caldeira: — Poupae-me! eu era Socrates, o mais sabio dos mortaes. Ensinei a verdade e a justiça; sacrifiquei a vida á virtude! Mas o bruto do diabo, sem se perturbar no seu officio, murmurava: Ora! todos os pagãos tem de arder; não se pode abrir excepção para um homem.

Asseguro-lhe, minha senhora, que era um calor espantoso, e os gritos, suspiros, gemidos, contorsões, rangidos, uivos, causavam catástrophes. . . .

E atravez de todos esses ruídos maldinhos, ouvia-se distinctamente aquella fatal melodia da canção sobre a lagrima que não foi chorada.

II

Minha senhora, a antiga peça theatral que citei é uma tragedia, posto que o heroe não seja degolado, nem degole ninguém. Bellos, bellissimos os olhos da heroína. . . Não sente, minha senhora, o aroma da violeta? Seus olhos são tão bellos e tão aguçados, que me penetraram no coração como punhal, e sahiam certamente nas costas, olhando para o outro lado — Mas não morri d'esses olhos assassinos. A voz da heroína tambem é tão bella. . . A senhora não ouve cantar o rouxinol? Uma bella voz, voz sedosa, doce tecido de tons mais inebriantes, e minha alma foi envolvida, e estrangulou-se, e se atormentou. Eu mesmo (é o conde de Ganges que falta agora, e a historia se passa em Veneza), eu mesmo senti-me mais de uma vez engado de todos aquellos lamentos, e pensava já em dar cabo da historia no primeiro acto, fazendo saltar meu barrete de doido juntamente com a cabeça. Dirigi-me para esse fim a uma loja de modas situada na strada Bursta, onde achei um jogo de lindas pistolas no mostrador. Lembra-me ainda muito bem, estavam ao lado de risinhos brinquedos de madreperola o ouro, de corações de ferro suspensos em cadeias ouro, de chicanas de porcelana com ternas divisas, bocetas para rapé com bonitas pinturas, por exemplo, a divina historia de Susana. Leda, com o cyno, o rapto das sabinas, Lúcrecia, gorda virtude, com o seio nu, apunhalando-se depois do caso pasado, a bella Feroniere, enfim rostos seductores todos. . . Mas nem por isso deixei de comprar as pistolas, sem regatear muito tambem comprei polvora e balas; depois fui para a taverna do signor Zumpetto, e pedi ostras e um copo de Vinho do Reno.

Eu não podia comer, e ainda menos beber. Lagrimas ardentes cahiram no copo, e nesse copo eu vi minha doce patria, o Ganges sagrado das aguas azues, o Himalaia eternamente resplendente, as gigantescas florestas de bananeiras, onde passavam efluvamente os prudentes elephantes e os brancos peregrinos; flores, singulares como o producto de um sonho, olhavam para mim com secreta piedade; passaros maravilhosos como plumagem de ouro apregoavam sua alegria; os raios do sol e os travessos macacos brincavam em torno de mim, dos remotos pagodes chegavam as piedosas harmonias das preces sacerdotaes, e, atravez desses ruidos, dominava a voz dolorosamente queixosa da sultana de Delhi. . . Sobre os tapetes do seu harem ella corria como doida, despedaçava seus véus de prata, atirava de pernas para o ar o escravo preto com o leque de penas de pavão, chorava, travejava, gritava. . . Mas eu não podia comprehendel-a; a taverna do signor Zumpetto esta afastada tres milhas do arem de Delhi, e depois a bella sultana tinha morrido ha tres mil annos. . . E trago a trago bebi aquelle vinho, luminoso e radiante, e todavia mais e mais cahiram as sombras em minha alma, que tornou-se cada vez mais triste.

...Fui condemnado á morte.

Quando tornei a subir a escada da taverna, ouvi tocar o sino dos supplicios; as ondas da multidão esboavam-se á rua; eu puz-me em um canto da strada San-Giovaanni, e recitei o monologo seguinte:

— Ha, nos velhos contos, castellos de ouro, onde soam harpas, dansam donzellas, brillam ricas librés; onde derramam seus perfumes o jasmim, a murta e a rosa. . . E uma só palavra de desencantamento faz em um instante cahir em pó todo esse esplendor. Só ficam ruínas, aves nocturnas, charneças.

Assim com uma palavra desencantei toda a natureza em flor.

Agora está ella extendida, inanimada, fria e livida como o cadaver paramentado de um rei, a quem arrebitaram as faces, e fizeram empunhar um sceptro. Mas os labios estão amarellos e fadados, que por esquecimento não os pintaram egualmente de vermelho; e os ratos saltam ao redor do real nariz, e com insolencia insultam o grande sceptro. — Está geralmente admittido, minha senhora, que cada um recite o seu monologo antes de arrebitar os miolos.

A maior parte dos homens aproveitam-se, para essa occasião, do de Hamlet: *Ser ou não ser*. É uma boa passagem, e eu de boa vontade citaria aqui, mas cada um prefere-se a si mesmo; e quem como eu escreve tragedias onde se acham discursos de despedida, como por exemplo na minha immorta tragedia de *Almanzor* — bem natural que prefira seus proprios versos, atrevidos de Shakspeare. Em todo o caso é muito louvavel essa especie de sermão. Ganha-se tempo pelo menos. — Assim foi que de corei algum tempo no canto da strada San-Giovaanni, e enquanto estava ali como um criminoso condemnado á morte, d-repe-fe appareceu ella!

Trajava vestido de seda azul celeste e chapéu cor de rosa; e seus olhos me contemplavam tão docemente, seu olhar tão bem repelia a morte, tão bem dava a vida! . . A senhora leu na historia romana que a velha Roma, quando as vestes encontravam no caminho um criminoso conduzido para o supplicio, tinham o direito de conceder-lhe graça, e o pobre desgraçado salvava a vida.

Com um só olhar ella salvou-me da morte, e eu estava deante della animado de uma nova existencia, com o esplendor do esplendor de sua belleza.

Ella passou e deixou-me viver.

PERDÃO FINAL

Vamos cantar um bocado,
Meu instrumento divino,
Fechar o nosso passado
N'uma canção ou n'um hymno.

Vamos de novo refer
A pagina dolorosa
Que faz empalidecer
A corola de uma rosa.

A poesia que consola
Que a alma de balsamo cobre
É como a mão que uma esmola
Deixa cahir na do pobre.

O poeta é como o viajor
Que abandona o lar paterno,
E desce ao paiz do amor
Como quem desce ao inferno.

Em sombras vê o caminho,
Vê o coração em sombras,
Pede a loucura mais vinho
E mais rumor ás alfombras.

Pelas noites de verão
Quando a inspiração fuzilla,
E o raio corta a amplidão
No raio de uma pupilla,

O poeta uma estrophe lança
Ao seu passado risinho,
E colhe a ultima esperança
Na arvore do ultimo sonho,

A gotta d'agua que sae
Do caliz do seu martyrio
Entra como a que cae
Sobre a petala de um lyrio.

Ha sempre na dolorosa
Estrada da sua vida
O espirito de alguma rosa
Para abrir-lhe uma ferida

A' noite e ao alvorecer,
Quando elle chega á janella,
Vê com espanto nascer
Uma chaga em cada estrella.

O esplendido panorama
Da tarde o encanta e deslumbra,
Então o poeta como a chamma
Brilha na sua penumbra.

E no momento final,
Quando a alma se lhe descerra,
Morre perdendo o mal
Que lhe fizeram na terra.

LUIS MURAT.

A Sadi-Carnot

ELEITO PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA

« *Fluctuat nec mergitur.* »

— *Diviza de Paris* —

*Tu que descendes do immortal guerreiro,
Sabio, estadista e poeta, que a Victoria
Organisou, enchendo toda a historia
Da Grande Crise com seu nome inteiro;*

*Gaulez de raça, activo e justiceiro,
Que, dominando a Convenção e a Gloria,
Fez da Republica arma e trajetoria
Para afirmar a França ante o estrangeiro:*

*Sadi-Carnot — milagre do atavismo! —
Hoje colhes a flôr que o patriotismo
Do grande Heròe, ha um seculo, plantou.*

*—Que sobre a Europa, triumphante, assome! —
Defende a honra e o brilho de teu nome,
Que é seu nome tambem: Salut, Carnot!*

Rio, 4 de Dezembro de 1887.

GENERINO DOS SANTOS.

Assembléa Provincial

Ralisa-se nossas previsões emitidas no numero passado d'esta folha em relação á questão de imigração actual-mente em andamento na assembléa provincial do Rio de Janeiro.

O nobre presidente da provincia, Dr. Rocha Leão, julgou de necessidade convocar uma reunião de deputados conservadores no palacio da presidencia a fim de discutir a grande questão; d'alí d'uns dias; 1º a aquiescencia preliminar do presidente da provincia, revelando-se com o neccessario, dá á questão esse tom de gravidade, que accusamos e pouco parecia preoccupar o representante do projecto; 2º a reversão de uma decisão da competencia geral da assembléa provincial para um conciliabulo formado pelo presidente e um grupo conservador de nota o caracter d'parcialidade manifesta, que tambem fizemos entrever com as devidas reservas.

D'alí tiramos as conclusões seguintes, muito razoaveis; o presidente da provincia tem a responsabilidade, ainda que parcial, do acto d'assembléa, porque, como lavrador e como tal perfeitamente conhecedor da excelencia de todas as razões, que expontemos no numero anterior, contra o malfadado projecto, não confia em seus resultados, o que, parece-nos, constituir razão bastante para que se dê ao assumpto a mais ampla e escriptura de discussão; em se guind lugar, deve-se observar toda precaução, na concessão que se haja de fazer, em apagar qualquer vestigio d'parcialidade.

E' condição essencial, si não do acerto, ao menos da honestidade do procedimento da camara.

Não seja o projecto a execução de um plano preconcebido, arrancada á condescendencia de correligionarios apertados de harmonia de visões ou mesmo troca de serviços.

Insistimos em todo o caso sobre este ponto; não haja sombra sequer de garantias de juro em qualquer resolução, pois nos confirmará na opinião primeira e desde já auguramos resultados funestos, para os cofres da provincia já tão esfrangalhados por concessões anteriores do mesmo genero, e dadas nas melhores intenções.

Já lize nos ver que só devíamos contar com a imigração espontanea por ser a unica que nenhuma responsabilidade nos acarreta, quer financeira quer moral.

Sacrificios dispendiosos, como esses em questão, só terão lugar no caso de urgente necessidade de imigrantes, o que não se dá actualmente.

Partindo do principio que a população nunca e demais, pode parecer paradoxal essa asserção, mas ella torna-se comprehensivel, estabelecendo-se, como o fizemos, que a lavoura dispõe por enquanto dos braços necessarios para manter-se e que, por outro lado, as demais industrias não tem o desenvolvimento necessario para occupar immediatamente imigrantes, tornando-se sua entrada mais frequente.

O nosso pensamento, e desejamos tornal-o bem claro para accentuar sua isenção, é que os resultados nunca compensarão sacrificios feitos pela imigração caso elles se baseassem exclusivamente sobre concessões a sociedades particulares, em geral mais sollicitas do amanho de seus interesses que do bem publico.

O favor da provincia, nas condições em que o podem, a sobre carregaria com duas prebendas; a de favorecer interesses particulares em detrimento dos publicos e mais tarde a de fazer novos sacrificios para albergar imigrantes, que, estamos certos, se verião em breve desalojados pelo insuccesso inevitavel de todas as empresas montadas com o compromisso de pagar salarios elevados como os usuaes até hoje.

A questão da imigração demanda medidas preliminares, como sejam: redução de salarios e fretes, transformação parcial de cultura etc., etc.

Estreita por concessões tão mal recomendadas seria uma medida deplo- ravel; prepar-se o terreno para agir

com segurança e proveito ou nada se faga.

Devemos ter em vista que nas condições actuaes não podemos competir com outras provincias nas vantagens proporcionadas aos imigrantes; não é a mesma a fertilidade de nossas terras nem o produto de nossas lavouras permite salarios equivalentes aos seus.

Sacrificios feitos por nós pela imigração reverterão em beneficio d'essas provincias mais pro peras e convidativas, nunca seremos mais do que uma escala para lá chegar.

P. M.

Pedro Tavares

Passamos para as nossas columnas a circular do dr. Pedro Augusto Tavares Junior, candidato a uma cadeira na assembléa provincial pelo 6.º districto da provincia do Rio de Janeiro.

Pedro Tavares é um caracter de rija tempera. Republicano e abolicionista desde os mais verdes annos, bateu-se sempre com bravura, ás vezes com temeridade pela sua, pela nossa, pela causa da patria. Aqui, em S. Paulo, e em Campos tem prestado relevantes serviços á democracia, muitas vezes com crues sacrificios.

Seria digno dos eleitores que tiveram a hombridade de repellar um barão governista, adoptar a candidatura do seu joven conterraneo, tão distincto, pelo talento, como pela nobre altivez do caracter:

ELEIÇÃO PROVINCIAL

E' da vontade de alguns eleitores, meus amigos, que seja meu nome apresentado ao suffragio popular na eleição a que se vai proceder para deputado assembléa provincial.

Republicano educado na severa escola paulista, cuja doutrina é o respeito á maioria partidaria e a obediencia ás suas decisões, e cujo exemplo é o sacrificio de quaesquer vaidades e ambiciosos intuitos, nenhum escrupulo me assalta agora em aceitar essa indicação, quando em Campos não está ainda organizado partido republicano, nem este effectuou qualquer reunião de eleitores para o fim de escolher candidatos.

E', pois, com toda a satisfação e legitimo desvanecimento, que ora me apresento ao eleitorado, para manifestar publicamente o meu respeito pela deliberação tomada, e ao mesmo tempo explicar aos meus concidadãos a minha posição politica neste distrito, posição aliás já claramente definida pelo meu procedimento,

sempre coherente, aqui, na corte e em S. Paulo.

Filho de um antigo e modesto commerciante desta cidade, hoje obscuro empregado publico na corte, criado entre gente pobre, eu posso dizer que represento verdadeiramente o povo, a grande massa desprotegida e ignorada, que trabalha e honra este paiz.

A muitos sacrificios e privações devo o pouco que sou; sacrificios que por vezes fizeram-me empalidecer de desconforto em meio da jornada, privações que traguei silenciosa e corajosamente.

Não importa isso, é certo, um titulo sufficiente para merecer de um eleitorado a consagração do seu voto e de seu apoio, embora represente o meu maior orgulho e constitua para mim mesmo o prestigio do meu passado; mas penso que, á mingoa de talento e illustração, já significa alguma cousa, em nossa desmoralizada terra e com os nossos pervertidos costumes politicos, a minha intransigencia de principios, essa lealdade nunca desmentida á minha bandeira e aos meus amigos--lealdade e intransigencia que me têm levado a rejeitar cargos e comissões governamentais importantes.

Entre os dous partidos constitucionaes, quasi não faço differença: liberal, não o sou; conservador, jámais o serei. Propagandas e questões do dia, campanhas passageiras, podem collocar-me ao lado do partido liberal, como um combatente aliado, um atirador franco, nunca como um soldado disciplinado e um servidor obediente, porque só estarei onde estiverem a doutrina e solução democraticas; ao partido conservador, a esse creio que terei de negar sempre o meu auxilio porque este partido representa a resistencia obstinada a todas as aspirações populares, representa a tradição da tyrannia e da violencia, e representa o odio irracional ao progresso e á liberdade.

Esta tem sido e será a norma do meu procedimento, e já agora, que começam de ruborizar o horizonte os primeiros resplendores do 3º reinado, mais decidido é o meu empenho em patentear ao povo, á toda luz os grandes crimes de que é victima e pelos quaes só é responsavel o governo imperial. O primeiro reinado significa na historia o despotismo feroz de um principe ignorante e brutal; o segundo rei-

nado, a tyrannia machiavelica de outro principe, corrompido e astuto; mas o terceiro reinado o futuro o dirá, vai ser a ignominia da patria, porque elle já se annuncia pela influencia immoral do clericalismo, e pelos appetites depravados do *can-can* e das *habaneras*, do luxo, da dissipação e do desregramento dos costumes.

Accepto nestas condições a candidatura que me offerecem os meus amigos; e os eleitores do 6º districto hão de permittir que, rompendo com um habito consagrado, eu não os procure pessoalmente, a todos e a cada um, para supplicar da sua generosidade o voto e o valioso apoio.

Entendo que a consciencia do eleitor é inviolavel e sagrada. Exercendo o seu direito de soberania, o povo, quando vota, julga: julga as idéas e julga os homens.

Não é licito, portanto, appellar para o seu coração, quando só a sua justiça é invocada, e as opiniões estão em litigio a os caracteres em prova.

Em sujeito a minha candidatura ao veredicto do povo. Campos, 30 de Novembro de 1887.

PEDRO AUGUSTO TAVARES JUNIOR.

Memorial da folha

ADVOGADOS:

J. Saldanha Marinho.
Alvaro Chaves.
R. Sá Valle.

Rosario, 57.

Cyro de Azevedo.

Becco das Cancellas, 2

Aristides Lobo.
João Coelho G. de Lisboa.
Ourives, 21.

Ubaldo do Amaral.
Jorge do Amaral.

Quitanda, 47.

F. A. Pessoa de Barros.
Carmo, 42.

J. Xavier da Silveira.
Alberto S. M. Torres.
Ouvidor, 41.

J. B. Sampaio Ferraz.
S. Pedro 4.

Luiz Murat.
Alexandre Ratisbona.
Quitanda, 42.

J. A. P. de Magalhães

TYPOGRAPHIA

DEMOCRACIA

Encarrega-se de qualquer trabalho typographico, bem assim de composição, revisão de periodicos, theses, notas commerciaes, programmas, etc.

40 -- Rua de S. José -- 40

LABORATORIO CENTRAL

HOMOEOPATHICO

A. G. DE ARAUJO PENNA & COMP.

47 -- Rua da Quitanda -- 47

RIO DE JANEIRO

Fornecedores da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro e do Hospital da Veneravel Ordem Terceira da Penitência; premiados nas exposições nacionaes de 1873, 1875 e 1881, e internacionaes do Chile e Philadelphia, pela perfeição e pureza de seus remedios.

Completo sortimento de medicamentos em tinturas e globulos, livros dos melhores autores e todos os artigos de homoeopathia.

ESPECIALIDADES

CEREUS BRAZILIENSIS. — Remedio poderoso e effizaz, de uma acção prompta para a cura das affecções do coração; privilegiado pelo governo imperial.

PHENOLINA PENNA. — Cauterio para acalmar instantaneamente as dores de dentes mais rebeldes.

CHENOPODIUM ANTHELMINTICUM. — Vermifugo homoeopathico em pó, muito effizaz para expellir as lombrigas das crianças.

OPODELDOC DE GUACO. — Poderoso remedio contra o rheumatismo, nevralgias, queimaduras, tumores, inchacões e dores em geral. O uso d'este linimento é aconselhado pelos medicos mais considerados; sua acção é prompta e seu emprego facil. Toda a casa de familia deve possuir este remedio excellent.

Todos estes preparados encontram-se nas principaes farmacias, drogarias e no

Laboratorio Central Homoeopathico

A. G. DE ARAUJO PENNA & COMP.

RUA DA QUITANDA, 47

Papelaria e objectos d'escriptorio

ARTIGOS DE FANTASIA

Officina de typographia, gravura e marcação de papel em relevo

FABRICA DE CARIMBOS DE BORRACHA

J. M. PARREIRA & C.

63 - RUA DE GONÇALVES DIAS - 63

PROXIMO A RUA DO OUVIDOR

RIO DE JANEIRO

MODAS

A casa franceza de Mme. Marie, á rua de Gonçalves Dias n. 39, tem sempre um grande sortimento de chapéus para senhoras, fitas, flôres, plumas, etc.

Enforma chapéus, tinge plumas, fabrica e concerta leques.

39--RUA DE GONÇALVES DIAS--39

CHAPÉUS

grande liquidiação até 31 de Dezembro por motivo de reforma do estabelecimento

82 -- RUA SETE DE SETEMBRO -- 82

Compõe-se o sortimento d'esta casa de um bonito sortimento de chapéus enfeitados, para senhoras, moças e meninas, sendo dos feitos mais modernos; grande sortimento em chapéus para homens e meninos, fabricados nas principaes fabricas de Pariz, Londres e Hamburgo.

Para facilitar ao publico, adoptou-se desde já o systema de — exposição permanente, com os preços marcados nas fazendas — podendo por esse systema uma criança comprar, sem recio de ser enganada.

Recommendo, pois aos interessados n'estas vantagens não comprarem chapéus sem visitar a CHAPELARIA DE LONDRES, á Rua Sete de Setembro n. 82.

Chapelaria de Londres

Typ. d'A DEMOCRACIA — Rua de S. José n. 49.